

Se a Mediunidade Falasse 8

RENOVAÇÃO SOCIAL E IMORTALIDADE



GRUPO
MARCOS

RENOVAÇÃO SOCIAL E IMORTALIDADE

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 8

GRUPO MARCOS



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	v
1. Mudar o Mundo	1
2. Quem é você, caro senhor?	11
3. Um Dia Normal	19
4. Um Dia Diferente	26
5. Um Dia Nublado	30
<i>Sobre a Série</i>	39
<i>Conheça o Grupo Marcos</i>	43
<i>Coordenador do Grupo Marcos</i>	45
<i>Outras Obras</i>	47
<i>Contato</i>	49

PREFÁCIO

Meus filhos,

O prefácio luminoso do cristianismo é a ressurreição de Jesus, que inaugura na Terra sofrida a era da imortalidade. Apenas após sua partida e a comprovação prática da vida imortal, os nobres apóstolos tiveram a coragem necessária de “ir e pregar a palavra do Reino da Luz”. Sois hoje habitantes de um mundo envolto em trevas; deveis ser, portanto, trabalhadores abnegados do Bem, para que da sombra saia a luz e que, de vossos equívocos pretéritos, nasça a sabedoria e o amor.

Não estamos mais em meio a um povo ignorante das realidades divinas. Nossa Mestre plantou, com o próprio sacrifício, a boa semente e seus discípulos fiéis a regaram, ao longo dos séculos de provação terrena; agora, porém, é chegada a hora da boa colheita, que carece de trabalhadores de boa vontade.

É a vós, jovens amigos, que dirigimos nosso apelo sincero: amai! Amai como vos amou o Cristo! Amai como apenas o enviado de Deus poderia ensinar e nós, os pequenos servidores, estaremos unidos para, quando o Mestre nos solicitar a prestação de contas, podermos dizer: “Senhor, eis a colheita de Teu amor, que nos permitiste usufruir, pois que o semeaste em nossos corações, e nós não mais o impedimos de florescer!”

Prefácio

De vosso paternal amigo,
Bezerra de Menezes.

MUDAR O MUNDO

Felipe chega em casa pensativo. Nunca imaginou que existiria uma longa história por trás das injustiças sociais. Foi um choque para ele descobrir que a miséria é produzida pela própria sociedade. Antes, pensava que a miséria era um “azar”, uma coisa inevitável, mas agora começava a entender que não, que isso não era verdade. A miséria tem suas causas, há forças que a sustentam e ela pode sim ser eliminada. “Que mundo estranho! Por que não se elimina tanto sofrimento e amargura? Há tantas teorias para se explicar a miséria no mundo, tais como o marxismo, o socialismo espiritualista, o positivismo, o capitalismo... Como encontrar uma explicação mais ampla? Qual seria a explicação? E, acima de tudo, o que fazer?!” – pensa.

Em meio a essas reflexões, vem à mente de Felipe a seguinte questão: “O que o Espiritismo explica sobre as desigualdades sociais? E como acabar com a miséria?” **O Livro dos Espíritos** foi a primeira lembrança de Felipe, que já tinha entendido que toda e qualquer pesquisa espírita deve sempre se iniciar pelo “livro amigo”.

Saltando de sua cama, em que estava deitado ainda com roupa do colégio, vai até o computador, abre **O Livro dos Espíritos** e começa sua pesquisa. “Deve haver em algum lugar uma resposta ou ao menos uma

pista!” – pensa. Lê atentamente o índice da primeira parte: “As Causas Primeiras, Deus, Elementos Gerais do Universo, Criação e Princípio Vital... Aqui não encontrarei o que quero” – pensa.

Lê a segunda parte: “Mundo Espírita ou dos Espíritos. Hum, talvez”, pensa. Lê então o capítulo I: “Diferentes ordens de Espírito... Hum, quem sabe o que explica a miséria não é o atraso espiritual?” Vai então direto para a questão 96:

“ 96. Os Espíritos são todos iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia?

– São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que tenham chegado.

Será que ele havia encontrado a explicação? Ele resolve então continuar. Lê avidamente as questões 97 a 127 do livro. “São interessantíssimas, mas tratam das classes de Espíritos segundo a realidade espiritual. Mas... E a realidade social da Terra? Teria Kardec tratado disso? Pesquisar não é fácil, mas é emocionante!” – pensa Felipe e continua a leitura.

No capítulo IV, ainda da segunda parte, vê “Justiça da encarnação” e pensa: “Hum... Quem sabe? Vou ver!” Felipe fica fascinado com a explicação sobre a justiça da reencarnação e mais ainda com a ideia de que reencarnamos em diferentes mundos. “Um dia vou aprofundar isso... Hum, ainda não achei nada sobre as desigualdades sociais.... Ah, já sei! Vou pesquisar no livro com palavras-chave!” – pensa Felipe. Tenta buscar por “desigualdades sociais” e vai parar diretamente na Terceira Parte, no capítulo IX, cujo item tem este nome. “Claro que tinha que ser na Terceira Parte, é a parte que trata diretamente da sociedade! E uma das Leis Morais é justamente a Lei de igualdade!” – pensa Felipe e ri, pensando em como não se deu conta disso. Ivan, que está ao seu lado, também sorri, dizendo: — Conseguimos!

Felipe resolve ler todo o capítulo IX. Ivan fica feliz, pois é um capítulo importantíssimo para se entender as relações sociais e como superar os preconceitos. Permanece próximo a Felipe, pois quer ajudá-lo a ampliar a compreensão, visto que terão um encontro muito especial, à noite, sobre esse tema. Enquanto isso, Felipe lê:

Capítulo IX - Lei de Igualdade

I. Igualdade Natural

“

803. Todos os homens são iguais perante Deus?

— Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos. Dizeis frequentemente: “O sol brilha para todos” e, com isso, dizeis uma verdade maior e mais geral do que pensais.

Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre.

Deus não concedeu, portanto, superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos são iguais diante d'Ele.

“Se todos são iguais, por que tantas diferenças? E o que significa essa afirmação de que todos se dirigem para um mesmo fim?” – pensa Felipe e resolve continuar em busca da resposta, lendo o próximo item:

“II Desigualdade de Aptidões”

“Interessante... Como entender as diferenças de inteligência e do jeito de agir de cada um?” – pensa e prossegue a leitura:

“

804. Por que Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?

“Gostei dessa pergunta! Grande Kardec!” – pensa e lê a resposta:

“

— Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, realizou mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre-arbítrio: daí decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A mistura de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência, nos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o

que um não faz, o outro faz, e é assim que cada um tem a sua função útil. Além disso, sendo todos os mundos solidários entre si, é necessário que os habitantes dos mundos superiores, na sua maioria criados antes do vosso, venham habitar aqui para vos dar exemplo.

805. Passando de um mundo superior para um inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?

— Sim, já o dissemos. O Espírito que progrediu não regride mais. Ele pode escolher, no estado de Espírito, um envoltório mais rude ou uma situação mais precária que a anterior, mas sempre para lhe servir de lição e ajudá-lo a progredir.

Assim, a diversidade das aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento a que ele tenha chegado como Espírito.

Deus não criou, portanto, a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes graus de desenvolvimento se mantivessem em contato. a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar os mais atrasados a progredir. E também a fim de que os homens, necessitando uns dos outros, compreendam a lei de caridade que os deve unir.

Finda a leitura desa pergunta, Felipe reflete:

“Hum entendi. Uns sabem mais porque viveram ou se esforçaram mais. Mas como isso explica a pobreza no mundo?” Felipe continua a ler e, quando encontra os dois itens seguintes, “Desigualdades Sociais e desigualdades da Riqueza”, seus olhos brilham e ele grita:

— Achei!

— Achamos! — fala Ivan com bom humor, sem ser ouvido por Felipe.

E assim Felipe lê o trecho encontrado:

III Desigualdades Sociais

“ 806. A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

— Não; é obra do homem, não de Deus.”

“Hum. Se não é lei natural, poderá ser modificada...” – Pensa Felipe.

“ 806-a. Essa desigualdade desaparecerá um dia?

— Só as leis de Deus são eternas. Não a vês desaparecer pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando tão somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de sangue mais ou menos puro, pois somente o Espírito é mais puro ou menos puro, e isso não depende da posição social.

“Que surpreendente! Toda a miséria do mundo é fruto do orgulho e do egoísmo!” – pensa Felipe.

Nesse instante, Felipe sente algo estranho. Cenas desconhecidas e, ao mesmo tempo, familiares vêm a sua mente. É Ivan, que o magnetiza e o faz lembrar de uma encarnação passada, quando ele era um rico e poderoso empresário. Felipe está relaxado e a lembrança vem “espontaneamente”. Ele vê cenas marcantes, que simbolizam seu Egoísmo e Orgulho.

Felipe volta a si, cansado. Aquela lembrança inesperada revela o que ele foi no passado, provavelmente em sua última encarnação.

Seria capaz de reconhecer muitos dos detalhes de sua existência. Lembra que viveu em São Paulo. Recorda seu professor atual condenando, com tanto ódio, os empresários poderosos. “E se ele soubesse que fui um deles?” – pensa. Agora Felipe entende, com clareza, que são os sentimentos que alimentamos que definem nossa realidade íntima e social.

Toda essa reflexão fora inspirada por Ivan.

Felipe decide continuar a leitura. A questão seguinte seria um tanto dolorosa:

“ 807. Que pensar dos que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir o fraco em seu proveito?

— Esses merecem o anátema; infelizes que são! Serão oprimidos por sua vez e renascerão numa existência em que sofrerão tudo o que fizeram sofrer.

Felipe fica chocado. Resolve parar um pouco, tomar banho, almoçar e descansar. Aquela experiência o cansou. Ivan fica aguardando sua volta pois desejava, ainda de tarde, ler com Felipe os itens seguintes. Ivan precisa prepará-lo para o encontro, à noite. Enquanto Felipe se recupera, Ivan toma várias providências para ampliar a harmonia de sua casa.

Após o descanso, Felipe volta a ler o “livro amigo”:

IV Desigualdade das Riquezas

“ 808. A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades, que dão a uns mais meios de as adquirir do que a outros?

— Sim e não. Que dizes da astúcia e do roubo?”

“Entendi” – pensa Felipe. Alguns enriquecem por serem talentosos e trabalhadores, outros por serem desonestos...

“ 808-a. A riqueza hereditária, entretanto, seria fruto das más paixões?

— Que sabes disso? Remonta à origem e verás se é sempre pura. Sabes se, no princípio, não foi o fruto de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, sem falar da origem, que pode ser má, crês que a cobiça de bens, mesmo os melhores adquiridos, e os desejos secretamente alimentados, de possuí-los o mais cedo possível, sejam sentimentos louváveis? Isto é o que Deus

julga, e te asseguro que o seu julgamento é mais severo que o dos homens.

809. Se uma fortuna foi mal adquirida, os herdeiros serão responsáveis por isso?

— Sem dúvida eles não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, tanto mais que o podem ignorar, mas fica sabendo que muitas vezes uma fortuna se destina a um homem para lhe dar ocasião de reparar uma injustiça. Feliz dele se o compreender! E se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos, pois esse mesmo quase sempre é quem a provoca.”

“Como a Lei de Deus é rigorosa e justa!” – pensa Felipe.

“ 810. Sem fraudar a legalidade, podemos dispor dos nossos bens de maneira mais ou menos equitativa. Quem assim faz é responsável, depois da morte, pelas disposições testamentárias?

— Toda ação traz os seus frutos; os das boas ações são doces e os das outras são sempre amargas; sempre, entendei bem isso.

811. A igualdade absoluta das riquezas é possível e existiu alguma vez?

— Não, não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso.

811-a. Há homens, entretanto, que creem estar nisso o remédio para os males sociais; que pensais a respeito?

— São sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade seria logo rompida pela própria força das circunstâncias. Combatei o egoísmo, pois essa é a vossa chaga social, e não correi atrás de quimeras.

“Como são inteligentes os Espíritos, eles sabem que muitos que

defendem a igualdade por meios violentos são invejosos, têm inveja dos ricos!" – pensa Felipe.

“ 812. Se a igualdade das riquezas não é possível, acontece o mesmo com o bem-estar?

— Não; mas o bem-estar é relativo e cada um poderia gozá-lo, se todos se entendessem bem. Porque o verdadeiro bem-estar consiste no emprego do tempo de acordo com a vontade, e não em trabalhos pelos quais não se tem nenhum gosto. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo, e é o homem quem o perturba.

"Nunca tinha pensado nisso, que o bem-estar é fazer coisas saudáveis, que se gosta. Deus dá condições de todos viverem bem sem precisar ter a mesma riqueza. Que legal!" – reflete Felipe.

“ 812-a. É possível que todos se entendam?

— Os homens se entenderão quando praticarem a lei da justiça.

813. Há pessoas que caem nas privações e na miséria por sua própria culpa; a sociedade pode ser responsabilizada por isso?

— Sim, já o dissemos, ela é sempre a causa primeira dessas faltas; pois não lhe cabe velar pela educação moral dos seus membros? É frequentemente a má educação que falseia o critério dessas pessoas, em lugar de asfixiar-lhes as tendências perniciosas.

"Decifrei o enigma! Quando tivermos uma educação moral verdadeira, uma educação dos sentimentos, que, pelo menos, diminua o egoísmo e o orgulho, teremos um mundo sem miséria! E quando cada um descobrir um trabalho que goste, as pessoas serão felizes!" – reflete Felipe, exultante.

Por fim, Felipe lê o seguinte trecho de **O Livro dos Espíritos**:

Provas da Riqueza e da Miséria

“ 814. Por que Deus concedeu a uns a riqueza e o poder e a outros a miséria?

— Para provar a cada um de uma maneira diferente. Aliás, vós o sabeis, essas provas são escolhidas pelos próprios Espíritos, que muitas vezes sucumbem ao realizá-las.

815. Qual dessas duas provas é a mais perigosa para o homem: a da desgraça ou a da riqueza?

— Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca a lamentação contra a Providência, a riqueza leva a todos os excessos.

816. Se o rico sofre mais tentações, não dispõe também de mais meios para fazer o bem?

— É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o bastante para si mesmo.

A posição elevada no mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e arriscadas quanto a miséria; porque, quanto mais o homem for rico e poderoso, mais obrigações tem a cumprir, maiores são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal.

Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e do seu poder. A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: “Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”

“Eu fali na prova da riqueza...” – pensa Felipe e começa a chorar ao lembrar sua rica e infeliz vida. Ivan o abraça e diz, sem que ele possa ouvir:

— Coragem amigo, apenas lembro teu passado para que entendas

GRUPO MARCOS

tuas fraquezas e saibas o que deves fazer: reparar teu passado com abnegação e coragem!

Nesse momento, chega Pai Joaquim, que se torna visível para Felipe e pergunta, com voz firme:

— Por que choras? Por acaso você queria ter sido um dos apóstolos do Cristo?!

Ao pensar nessa possibilidade, Felipe sorri, se dando conta de que está chorando por vaidade, e responde, com bom humor:

— A verdade é melhor do que a ilusão e nessa encarnação vou botar pra moer! Moer orgulho com egoísmo, pra ver se vira adubo de humildade!

Pai Joaquim sorri ante o humor de Felipe e o abraça. Nosso amigo sente-se forte. Afinal, tem todas as condições para reparar os erros e crescer espiritualmente. Mal sabe ele o que o aguarda nesta noite.

QUEM É VOCÊ, CARO SENHOR?

Anoite, Felipe deita-se. Ora, abre “ao acaso” **O Evangelho Segundo o Espiritismo** no item “A Caridade Material e Moral”. “Caridade é uma prática de educação espiritual, emocional...” – pensa.

Ao sair do corpo, encontra um senhor simpático, baixo, de olhar firme e amoroso, com um bigode à moda antiga. Felipe olha para ele com atenção, pois lhe parece conhecido. Depois de ele o cumprimentar, Felipe indaga:

- Como o senhor se chama?
- Denis. Léon Denis, jovem amigo.
- Felipe se belisca.
- Sim. De certa forma, você está sonhando – diz Denis.
- Mas... O senhor é o continuador de Kardec!
- Somos, jovem amigo. Todos os que amam o Espiritismo e lutam pela transformação da Terra são continuadores de Kardec, que é o emissário do Cristo.
- O que o senhor deseja?... – pergunta Felipe, tentando organizar os pensamentos.
- Vim convidá-lo para um curso que iniciarei no Colégio Allan

Kardec: "Socialismo e Espiritismo". Você já deve ter ouvido falar desse tema – comenta, descontraído.

— Sim, é um dos livros do senhor.

— Não, meu amigo! O livro do "Senhor" é o Evangelho – responde, bem-humorado.

Ambos riem.

— Mas... por que o senhor veio me convidar?

— Estou convidando os jovens de Boa Vontade. Nesse instante, converso com vários de vocês.

Felipe se lembra dos desdobramentos do professor Eurípedes e entende o fenômeno.

— Exatamente. Os poderes do Espírito são quase infinitos – explica Denis que, sorrindo, desaparece.

Felipe volta a si e se dá conta de que não perguntou quando começava o curso, nem o que deveria estudar. Lembra-se de Ivan e de Pai Joaquim e pensa onde andariam os amigos. Concentra-se e liga-se mentalmente a Ivan, conseguindovê-lo na entrada do Colégio Allan Kardec, conversando com Cirilo e Alessandra. Sente imensa vontade de estar lá. Subitamente, para sua própria surpresa, transporta-se e, quando se dá conta, está ao lado de Ivan que, sorrindo, lhe diz:

— Veja que todos possuímos algum poder espiritual. Basta querer usá-lo.

Felipe, ainda assombrado, olha para Cirilo e Alessandra, que também estão surpreendidos com sua "aparição".

— Bem, espero que consiga fazer isso de novo... – comenta Felipe.

— Basta saber sentir – explica Ivan.

— Estábamos falando do curso que será dado por Léon Denis. Você vai fazê-lo? – indaga Cirilo.

— Como não?! Conhecer melhor Denis é um dos meus objetivos. Precisamos entender como o Espiritismo vai mudar as condições sociais da Terra, e ninguém melhor do que ele para nos orientar – responde Felipe, empolgado.

— Amigos, vou nessa – fala Ivan.

E, ao ver a expressão de tristeza dos jovens, comenta:

— Estarei com Denis no curso. Teremos três semanas de belíssimas atividades. Lembrem-se de que ele, além de ser o apóstolo espírita da

renovação social, é também o da arte, do culto à beleza. Segundo ele, a renovação, para ser completa, deve ser também estética, quer dizer, nas artes e nas formas de viver. Serão momentos felizes. Preparem-se o melhor possível; nada de alimentar sentimentos baixos ou de inveja dos “felizes” do mundo. Denis – como todo Espírito superior – é amante da simplicidade profunda, fruto do amor tranquilo. Quem estiver muito bem, viverá momentos inesquecíveis! – fala Ivan, despedindo-se.

— Em tudo, o mérito do esforço – lembra Alessandra.

— Sim – responde Felipe.

— Vou tratar é de me manter em paz – fala Cirilo.

Todos riem felizes, ante a expectativa do encontro com Denis. Eles ainda não sabiam que o curso seria no quinto andar do colégio, e talvez preferissem nem pensar nesse assunto agora.

— Sei que em duas horas teremos um conjunto de exposições, palestras e vivências sobre como criar hábitos espiritualizantes. Vamos aproveitar para aprender e nos preparar para o curso Socialismo e Espiritismo. O que vocês acham? – fala Alessandra.

— Sim, se não nos preparamos nem chegaremos lá... – comenta Cirilo.

— Vamos olhar as exposições! – fala Felipe.

Partem.

— Uau! – fala Alessandra, ao visualizar os temas das vivências:

- Técnicas de pacificação emocional;
- Alimentação e verdadeira espiritualidade;
- Silêncio essênio;
- Espiritualização do cotidiano.

Todos olham para o último tema.

— É esse! – diz Felipe.

— Concordo! – fala Alessandra

— Eu também! – responde Cirilo.

E assim eles pegam a programação detalhada do tema escolhido:

- Três dias: terça, quarta e quinta
- Início: 2h30
- Término: 4h40
- Pré-requisito: terceiro andar

Todos se sentem aliviados. Olham para o relógio: eles têm duas horas antes do início. Matriculam-se e, enquanto esperam, resolvem andar pelo jardim. Olhar para as estrelas é um hábito estimulado no colégio. É comum se ver grupos de alunos reunirem-se em silêncio para admirar os astros e observar os professores comunicarem-se com amigos de planetas distantes, pelo pensamento e pelas vibrações, envolvendo-se na paz transmitida pela percepção do Infinito.

Felipe deita-se no jardim e contempla o céu, em profundo silêncio. Alessandra vai consultar a bibliografia do curso. Cirilo vai a procura de Abelardo, que não vê há tempos.

Duas da manhã e já estão no terceiro andar, sentados um ao lado do outro. Harshad, o professor, é um indiano de baixa estatura, olhar penetrante e voz firme, que apresenta-se quando o relógio marca 2h30:

— Sou Harshad. Durante um milênio cultivei a arte da meditação e da transcendência e, ao longo desse período, estive convencido da excelência do ascetismo solitário. Há dois mil anos, conheci o exemplo de Jesus de Nazaré. Ele nos visitou em corpo astral, quando eu vivia em meu retiro. Não precisou apresentar-se, nem anunciar quem era. Suas vestes luminosas e seu olhar faziam brotar, em cada um dos mestres da ciência secreta, recordações e lições que havíamos negligenciado.

Após ligeira pausa, continua:

— Quando se tem um mínimo de espiritualização disciplinada, o encontro com o Cristo gera reflexões inimagináveis, mesmo para os que ainda estão viciados na realidade material. Desde sua visita, descobri que todas as práticas espirituais são importantes, mas o crescimento real só acontece quando somos capazes de aplicar as disciplinas íntimas a serviço da Causa de Deus. Isso Ele nos ensinou.

O professor para, novamente, como a avaliar a compreensão dos alunos, e prossegue, narrando o encontro com Jesus:

“ Depois de olhar e abraçar a todos, o Mestre indagou:

— Que fazes do teu tempo enquanto estás no templo da carne?

— Senhor, buscamos o Pai – foi a resposta de nosso mestre.

Nós tudo observávamos, com reverência incondicional.

— E O encontraste? – indaga, mais uma vez, o Messias.

— Buscamos, Senhor. Avidamente. – respondi .

— Meu Pai é amor que constrói. Nunca encontrarás o mar isolando a gota do oceano. Nunca sentirás o orvalho, isolando-te da benção da chuva – responde Jesus.

O mestre chora. Entende a crítica amorosa. E, humilde, pede ajuda:

— Senhor, nos isolamos do mar porque temos medo de nos afogar, fugimos da chuva por medo de adoecer. O que devemos fazer?

— Se morreres servindo a meu Pai, terás vida eterna; se caíres tentando elevar alguém, meu Pai te Elevará. – responde, compassivo, o Divino Mestre.

Todos choram. A lição é sublime. Fracassar tentando servir é mais agradável a Deus do que se proteger, negligenciando os necessitados.

— A salvação está em se afogar nas vibrações amorosas de Deus, servindo e sofrendo. Quem assim sucumbir, terá vida eterna. Só o amor integra o ser. Ama-se quando se doa o tempo, o coração e a paz, por amor a Deus. – explica o Mestre.

— Que devemos fazer, senhor? – é a indagação de todos, feita ao nosso mestre.

— Abram, hoje, as portas do vosso oásis de paz artificial a todos os sofredores e nosso Pai se alegrará – conclui Jesus.

Desde esse dia, do ano de 37, aprendemos a acolher todos os sofredores do Caminho.”

Após ouvirem a história de Harshad, todos estão envolvidos pela atmosfera daquele encontro. Ele então silencia e faz uma prece, como a completar a história de abertura da aula:

— Sóis luminosos, ainda que valham mais de mil vezes nosso pequeno planeta, são tão pequenos em relação a um coração que ama! Se soubéssemos o valor do Amor, que riquezas procuraríamos a não ser servir, servir e servir? Pai, grande e generoso, ajuda-me a Lhe servir, tocando o coração de um jovem em Seu nome, para que ele seja e sinta amor infinito pela extensão dos tempos sem fim. Que seja assim!

Após um silêncio, que expressa a emoção de todos, Harshad continua:

— Entendamos hoje, com o ensino do Messias, que as práticas espirituais mais importantes são aquelas que desenvolvem nossos sentimentos e pensamentos, em direção a nosso Pai. E que práticas são essas?

Ante o silêncio, responde:

— É a meditação, que visa desenvolver o silêncio interior, para que possamos escutar melhor o outro.

— É a alimentação saudável, que nos faz mais fortes para trabalhar gratuitamente por quem precisa mais do que nós.

— É a prece, que pede a ampliação da mediunidade, com o intuito de socorrer quem padece nas trevas.

— Este é o nosso curso. Perguntas?

— Como meditar? – indaga Cirilo.

— Aprenda, amigo, a conviver com o silêncio. Habitue-se, diariamente, a ter momentos de silêncio. Se onde você vive há poluição sonora, compre tampões de ouvido. O psiquismo necessita de silêncio diário para se refazer. O silêncio é para o psiquismo o que a água é para o corpo. A ausência de um dos dois gera grave desequilíbrio.

— Isso parece muito simples! – comenta um jovem.

— A verdadeira caminhada, o caminho que leva ao Pai, é simples. A complexidade é a fuga de Deus. Após pacificar a mente e o coração, por meio de práticas simples e do serviço ao próximo, o Espírito torna-se apto a compreender as maiores verdades do universo – explica, sorrindo.

— E a alimentação? Deve-se comer carne? – pergunta Alessandra.

— Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, como nos ensina o Cristo – responde Harshad e, em seguida, acrescenta:

— Para a grande maioria, o excesso é o principal inimigo. Curiosamente, elege-se a carne como o ponto central, como se a alimentação carnívora ou vegetariana fosse a solução de tudo. Esse é um falso caminho, indicado por uma falsa questão. Dieta da moda é pior que veneno tradicional. Explico: cada ser tem um histórico espiritual e perispiritual; por isso, possuem necessidades energéticas diversas. É ingênuo acreditar que o padrão alimentar é algo secundário. A dieta ideal é a

dieta que se adapta ao histórico alimentar de cada um, considerando-se pelo menos os seus últimos séculos. Mas não é preciso complicar a questão; quando se quer, se é sábio. Cada um deve assumir a responsabilidade de se estudar e de conhecer a sua realidade alimentar. Para alguns, a alimentação com carne pode ser desastrosa; para outros, a ausência de carne tornará o organismo extremamente fraco. O ideal é comer bem e pouco. Que alimentos devem ter sido minha base alimentar em meu histórico reencarnatório? A quem esta pergunta assuste, faça-se uma mais simples: de que alimentos meu organismo necessita? Mas atenção: é preciso buscar uma resposta individual. Tudo, além disso, é perda de tempo e ilusão. O corpo precisa de alimentos naturais, em quantidades equilibradas, e é só. Obviamente, aos muitos que viciaram seus paladares e estômagos, é necessário um tratamento de desintoxicação e reeducação, como se deve propor aos demais viciados. Não é necessário despender tempo e recursos absurdos; basta sintonizar com a natureza e manter essa sintonia. Nossa alimentação reflete a relação mais profunda que temos com a natureza do planeta. Afinal, materialmente falando, é preciso nos perguntarmos o seguinte: que elementos da natureza diariamente integro ao meu ser?

— Há algo mais importante, continua o professor. É preciso entender que o silêncio e a alimentação só se justificam ante o Criador quando há um sublime objetivo: servir. O que é servir? Servir é algo maior do que os importantíssimos trabalhos sociais libertadores, que muito diferem dos trabalhos sociais escravizadores. Servir é algo além da indispensável contribuição social que damos, por meio de nossas ações sociais e impostos. Servir ultrapassa os responsáveis posicionamentos político-sociais. Servir é doar-se plenamente. Por isso a mensagem do Mestre é tão fácil de entender e tão difícil de aceitar!

Após breve pausa, prossegue:

— Inicialmente, queremos ser cristãos de “meia-tigela” ou de “meia hora” por dia, e há até alguns de “meia hora” por semana... Isto é, desejamos ser cristãos na hora do culto, nos momentos de atuação social em nossa congregação, ou em cerimônias de vaidade. Isso é exatamente querer servir a Deus... e a Mamom! Mas a mensagem do jovem galileu é radical: ele quer que sirvamos por toda a vida e, em tudo, apenas a Deus! Ele foi crucificado. E este é o ponto central do

processo de espiritualização: ser um com o Pai, o que significa servir sempre. Ser crucificado pela inferioridade e tornar-se livre em Deus.

Por fim, o luminoso Harshad conclui, com palavras fortes, antes de se despedir de todos:

— Tenham uma boa manhã. O sol nasce como há muitos milênios, com sua beleza e energia luminosa. Quando nascerá em vocês o sol imortal da caridade, a caridade que ilumina e serve sem exceções de dias, horários e pessoas? Acordem e perguntam-se: qual será meu objetivo na atual encarnação? Amo a Deus ou a podridão?

Felipe acorda com essa pergunta ecoando em sua alma e chora, emocionado. “Quero servir a Deus!” – é o seu primeiro pensamento.

UM DIA NORMAL

Depois de chegar da escola e almoçar, Felipe resolve tirar a tarde para estudar a Doutrina Espírita. Após pesquisar na internet as obras de Léon Denis, encontra o livro **Socialismo e Espiritismo** e decide lê-lo. Empolgado com sua descoberta, não observa que Ivan e mais de cem jovens estudantes estão ao seu lado. Ivan, seu amigo espiritual, resolveu realizar um estudo coletivo a partir da leitura de Felipe. Este, ao abrir o arquivo do livro, se depara com estas palavras:

“Espirito e Socialismo estão unidos por laços estreitos...”

“Socialismo e Espiritismo unidos por laços estreitos?” – pensa Felipe, cujo pensamento é visto por Ivan e pelos estudantes.

— Nunca suspeitei dessa união. – comenta um jovem desencarnado para Ivan.

— É preciso, antes de tudo, que você entenda o que Léon Denis quer dizer por “socialismo”; é algo muito diferente do socialismo marxista ou comunista. Vejamos a definição de Denis – explica Ivan, apontando para o segundo parágrafo do livro que Felipe está lendo:

“Todavia, antes de tudo, importa bem definir os termos que empregamos. Para nós, o Socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios suscetíveis de melhorar a situação material, intelectual e

moral da Humanidade. Nessas condições, são numerosas as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, desde o Socialismo Cristão até o Comunismo, e todo homem cuidadoso com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções.”

— Para o continuador de Kardec, socialismo é o estudo do mundo social com o compromisso de melhorar a vida dos seres humanos. Entender isso é essencial! – destaca Ivan.

Felipe continua a leitura e Ivan chama mentalmente a sua atenção para a importância que Denis dá para a educação do povo, definindo que o problema central das questões sociais é a conduta moral.

“Interessante, o socialismo materialista não fala sobre isso” – pensa Felipe.

— Por isso ele não deu certo! Querer elevar o ser humano definindo-o como um ser material é uma contradição, que trouxe sofrimento a milhões de pessoas – é a reflexão que Ivan projeta na mente de Felipe.

— É... – responde Felipe, sem se dar conta de que conversa com Ivan.

Felipe continua a leitura, chegando a este trecho: “Hoje em dia, são as classes trabalhadoras que, por vezes, desejam alçar-se e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo que vem debaixo não é melhor do que aquele que vem do alto; é talvez pior, pois que mais brutal e mais cego.”

“Ah, Léon Denis é contra o materialismo e também a opressão política!” – pensa Felipe.

— Exatamente! A visão social de Léon Denis defende que todos devem se preocupar com a condição social de todos e que as transformações sociais devem ser conquistadas em clima de respeito e liberdade. Ele não apoia a revolução violenta, nem a exploração desumana. Talvez devêssemos criar outro termo para essa proposta social, porque o termo “socialismo”, hoje em dia, é associado aos regimes desumanos e autoritários, que nada têm a ver com a definição de Denis. Porém, até que algum estudioso do assunto consiga elaborar uma teoria social espírita, pois Denis não pôde se ocupar apenas com esse assunto, manteremos esse termo, explicando seu real significado

– comenta Ivan, respondendo ao pensamento de Felipe e esclarecendo o grupo.

Felipe, que capta a explicação de forma inconsciente, pensa: “Será que um dia teremos um missionário que desenvolverá essas reflexões e elaborará propostas de melhoria social, baseadas em uma compreensão mais ampla da vida material e espiritual?”

— Sim, certamente! Missionários já reencarnaram com essa tarefa – fala Ivan para Felipe e para o grupo.

“É um tema tão interessante! Vou perguntar isso para o Ivan”.

O riso é geral: todos os alunos riem ao ouvir os pensamentos de Felipe. Enquanto isso, Felipe prossegue a leitura.

“Denis já explicou o início dessa teoria” – pensa Felipe, ao ler a seguinte passagem:

“

O essencial seria, pois, fazer conhecer ao homem, antes de tudo, de onde ele vem e para onde ele vai, isto é, qual a finalidade real da vida e a sua destinação.

O trecho sobre o trabalho chama a atenção de Felipe:

“

O trabalho é um preservativo soberano contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, de paz e de felicidade, desde que realizado com inteligência e obstinação.

“Nunca pensei que trabalhar fosse tão importante!” – pensa Felipe.

Ivan sorri, feliz, pois não precisa comentar nada. O pensamento de Felipe já é uma lição para os jovens desencarnados.

Prosseguindo a leitura, Felipe lê e relê espantado o seguinte trecho, em que Denis declara que a teoria marxista está errada:

“

O que se chama de “luta de classes” não existe senão no papel. Em realidade, não há mais classes desde a Revolução [Industrial]; não há mais, entre elas, limites precisos, pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A

burguesia tem suas raízes no povo, e nele se recruta incessantemente. É de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a Humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses: graças ao seu trabalho ou ao seu talento.

— Esta descoberta só foi feita muito recentemente pelos teóricos materialistas. Inicialmente, verificamos a limitação dos teóricos do socialismo materialista para entender os reais problemas sociais. Aqueles que vivem iludidos com a vida material, que limitam a vida ao plano físico, não podem entender a parte mais significativa da vida social: as sociedades espirituais. Sem isso, irão elaborar teorias e falsas soluções e nunca conseguirão resolver os verdadeiros problemas que angustiam a humanidade. São cegos, que nunca poderão apontar nem caminhar em direção às soluções reais – explica Ivan.

— Agora sei que o socialismo de Denis é o oposto do marxismo! – pensa Felipe, sendo acompanhado da interessante observação de Ivan:

— Vejam que nunca poderemos entender adequadamente um simples fenômeno social, nem mesmo como se dá a leitura de um livro, como estamos observando neste momento, sem considerar a realidade espiritual; quanto mais resolver os graves problemas da sociedade terrena. Se Felipe estivesse acompanhado de Espíritos inferiores, suas reflexões seriam muito diferentes...

Felipe fecha o arquivo. Resolve dar uma caminhada em um parque próximo de sua casa: esse é o exercício de que mais gosta. Arruma-se, sai e é acompanhado por Ivan e pelo grupo de estudantes.

Ao chegar ao parque, observa dois pedintes conversando. Ivan e o grupo aproximam-se. “O que será que os levou à miséria?” – pensa Felipe, intuído por Ivan. Passa então próximo a eles e um deles, visivelmente bêbado, lhe estende a mão e pede ajuda. Felipe coloca a mão no bolso, tira duas moedas de um real, dá ao pedinte e, impulsionado por Ivan, indaga:

— Você precisa de alguma coisa a mais?

— Não moço, com a minha cachaça eu fico em paz.

— Ele bebe sempre, eu estou sempre dizendo pra ele não beber tanto... – fala o outro mendigo.

— A vida é um desgosto e bêbado eu me alegro! – diz, falando alto e rindo.

— Ora, ora, algum dia você vai ter que ficar sóbrio! – responde o amigo.

— Bem... Veremos!

Nesse momento, Ivan explica:

— Estamos diante de dramas diferentes. O primeiro mendigo foi um comerciante rico que, após uma desilusão emocional, a traição da esposa que tanto venerava, começou a beber desenfreadamente. É um indivíduo que tenta acabar com a própria vida por meio do álcool. O segundo é um homem equilibrado e honesto que, por conta da traição de um colega de trabalho, passou a ser visto por todos como um criminoso vulgar, pois acusaram-lhe de ter roubado a empresa em que trabalhava. O desgosto e a mágoa, fruto da humilhação pública e do período em que ficou preso, tiraram-lhe a disposição para buscar uma solução mais saudável. Como a teoria da luta de classes solucionaria essa realidade? Impossível! A origem da mendicância é múltipla, e somente com uma visão mais ampla se pode entender e solucionar os complexos problemas sociais.

— Por que o senhor começou a beber? – indaga Felipe, com simpatia. E, enquanto o mendigo conta sua história, Ivan explica:

— No primeiro caso, a prevenção seria uma compreensão mais ampla da vida, a oração sincera e a busca pela espiritualização; isso poderia não ter evitado a traição, mas certamente ensinaria nosso irmão a lidar com ela de forma mais saudável. No segundo, a perseverança em buscar outro emprego lhe daria nova oportunidade em mostrar seu real valor. Vamos estimulá-lo a encontrar outro trabalho.

— E ao primeiro, não podemos ajudar? – indaga Abelardo, o amigo de Felipe que havia desencarnado há duas semanas.

— Sim, responde Ivan. Vamos convidá-lo a ir ao centro espírita. Lá, ele receberá o auxílio que precisa e, se aceitar, em pouco tempo terá sua vida transformada. Apesar da mendicância em que vive, ele ainda possui alguns bens, de que nem ele mesmo sabe. Sua mãe deixou para ele uma bela e confortável casa, que ele nunca procurou receber, dado seu estado de confusão mental – Ivan comenta e telepaticamente orienta Abelardo a transmitir a Felipe essa orientação.

Abelardo, feliz, aproxima-se de Felipe e abraça-o, matando as saudades do amigo, e sugere que ele convide o homem a visitar o centro espírita em que Felipe frequenta.

— Como você se chama? — indaga Felipe.

— Paulo.

— Senhor Paulo, o senhor não gostaria de visitar um centro espírita? Lá é muito bom.

— Centro Espírita? O que tem lá? É macumba?!

— Seu Paulo, lá o senhor vai encontrar pessoas boas que vão lhe escutar e orar pelo senhor. Quem sabe o senhor não vai se sentir melhor, mais feliz?... — argumenta Felipe, inspirado por Abelardo.

— Felicidade... — fala Paulo, tentando entender o significado da palavra.

Nesse momento, Ivan faz Paulo relembrar sua infância, o carinho materno, as brincadeiras com os colegas de rua e com os irmãos. E assim Paulo, sem se dar conta, começa a chorar e repete, mecanicamente:

— Felicidade... felicidade...

Felipe fica um pouco assustado. Lembra-se de Ivan. Estaria ele ali? Fazendo o quê?

Ivan aparece sorrindo a Felipe e diz:

— Abrace-o. Ele é seu irmão tanto quanto Jesus.

Sem pensar, Felipe aproxima-se de Paulo. O cheiro forte de cachaça o incomoda, mas ele prossegue e abraça aquele senhor, de olhar tão sofrido.

Juarez, que observa tudo espantado, benze-se, sentindo que algo espiritual está acontecendo. Paulo emociona-se ao ser abraçado por Felipe e chora, compulsivamente.

— Eu tenho um filho de sua idade... — é o que Paulo consegue dizer, entre lágrimas e soluços.

Ivan, nesse instante, projeta na mente de Paulo uma luz, que parte de seu coração. Paulo olha para Felipe, que também está emocionado, beija-lhe a testa e o abraça novamente.

Juarez não acredita no que está vendo e pensa: “Que força tem aquele menino para emocionar um coração tão revoltado como o do

meu amigo?!” Paulo então pede a Felipe que lhe diga onde é o centro espírita. Depois que Felipe explica, ele responde:

— Meu filho, você me lembrou de tantas coisas boas que deixei para trás. Vou ao seu centro pedir ajuda. Quero ter coragem de voltar para minha cidade e recomeçar a vida que abandonei, por revolta.

Após dizer isso, Paulo inesperadamente olha para Juarez e diz:

— Você vai comigo. Vou recomeçar meus trabalhos e precisarei de um bom companheiro. Se ele pode acreditar em mim – diz, olhando para Felipe – eu também posso acreditar em você.

Juarez, que conhecia a fundo a história de Paulo e seu caráter honesto, abraça-o emocionado.

Felipe despede-se. Faz sua caminhada e volta para casa, ainda tentando entender o que aconteceu. Entra em seu quarto, faz uma prece e consegue captar a explicação de Ivan:

— Assistimos hoje a uma ação da sociologia espírita: entender em profundidade a problemática do ser encarnado; atuar em todos os casos, tendo por base o sentimento de amor e fraternidade e, por fim, amparar a cada um, segundo sua necessidade real. Essa é a lei da ação social espírita. Não somos meros distribuidores de sopas e esmolas; tudo isso é pretexto, é uma forma simpática de nos aproximar. Nos interessa é o auxílio profundo a cada ser, para que ele possa solucionar os próprios problemas.

“Que aula interessante de sociologia espírita eu tive!” – pensa Felipe, ao entender que apenas compreendemos de verdade o Espiritismo quando o transformamos em ação que beneficia outro ser humano, outro filho de Deus.

UM DIA DIFERENTE

Felipe medita sobre o que viveu, pensando em como uma experiência tão simples pôde tocá-lo tão profundamente. “Se a solução dos mais dramáticos problemas humanos só será real se alcançada com uma postura fraterna e compreensiva, como as teorias que se dizem sérias, por serem ásperas e até cruéis, como a do socialismo materialista, estão longe de nos ajudar a melhorar a vida em nossa sociedade!” – pensa.

— É exatamente isso. – diz Ivan, sorrindo, após aparecer na visão espiritual de Felipe.

— Que bom que você está aqui! Como faço para entender melhor a problemática social? – pergunta Felipe.

— Continue lendo **Socialismo e Espiritismo** de nosso amigo Denis.

— Eu ainda não estou nem na metade. Mas posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim – responde Ivan.

— Por que tanta miséria na Terra, se é tão fácil resolver os problemas? Se o que nos falta é fraternidade e abnegação, por que não acabamos com a miséria de uma vez por todas?

Ivan pensa e explica:

— O problema, Felipe, não é apenas compreender a solução. É preciso vivê-la!

— Mas como alguém pode não querer acabar com tanto sofrimento, como os que vemos na Terra?

— Só há solução real quanto existe crescimento espiritual, e o crescimento espiritual exige que aprendamos a sentir nossas dores. É preciso saber sofrer para se libertar do egoísmo, do orgulho e da vaidade. A maioria prefere criar belas desculpas, em vez de enfrentar os problemas íntimos.

— Não entendi. Por que sofrer para superar o orgulho?

— O orgulhoso, que é maioria no mundo, é um indivíduo que não admite suas limitações. Admitir que possa errar, admitir que não sabe de tudo, admitir que existem Espíritos encarnados, mais nobres e inteligentes, é para o orgulhoso uma dor. Por não querer enfrentar essa realidade, o orgulhoso se torna incapaz de compreender a realidade da vida maior. É como um animal, que se esconde na caverna e deixa de ver e viver a beleza da floresta, porque não admite encontrar outros animais mais belos do que ele.

— E como isso afeta a realidade social da Terra?

— Bem... O orgulhoso, quando rico, isola-se da maioria, porque quer acreditar que é tão melhor que não deve sequer conviver com os que não são ricos. Quase sempre desencarna em situação infeliz e dolorosa, pedindo para reencarnar como miserável ou pobre para aprender a entender melhor quem sofre. Se continua orgulhoso, sua situação espiritual pouco muda, mas se outros começam a ajudá-lo com fraternidade, suas emoções são transformadas. A ajuda abnegada é a ação mais revolucionária que se pode imaginar. Uma vez aperfeiçoadas as emoções e amenizado o orgulho, o indivíduo começa a entender que os outros sofrem como ele, e passa a agir de tal forma que não gere sofrimento para ninguém. É o começo da regeneração moral. Esse é o momento em que vive a sociedade terrena. Os sofrimentos que serão vividos devem alterar a maioria dos orgulhosos do mundo.

— E os que não melhorarem?

— Estes continuarão a receber a mesma lição em situação mais difícil. Irão habitar mundos primitivos. A dor não será a de uma encarnação, mas, provavelmente, de muitos séculos – explica Ivan.

— Muitas teorias sociais que dizem que irão melhorar o mundo não estarão na verdade o piorando? — pergunta Felipe, pensando nos governos autoritários.

— Sim, sem dúvida. O lobo vestido de cordeiro é muito mais perigoso do que a fera que se apresenta como é.

— Nunca pensei que o ensino do Evangelho fosse útil para avaliar teoria social! — fala Felipe.

— O Evangelho, para quem tem olhos de ver, quer dizer, para quem quer entender em profundidade os ensinos do Cristo, é a fonte das verdadeiras teorias de bem-estar para a humanidade. O que as teorias sociais materialistas fizeram é um trabalho farisaico, quer dizer, usam o Evangelho para mentir e enganar.

— O Evangelho? Felipe não entende.

— Sim. O que eles prometem é a promessa que Jesus trouxe à Terra: fraternidade, justiça, amparo a todos; mas o que eles geram é opressão, desigualdade e violência.

— É mesmo! — fala Felipe, encantado com a lógica simples e elevada de Ivan.

— Os que conhecem o Evangelho não se iludem com os falsos profetas.

— Mas não houve religiosos que adotaram essas teorias?

— Sim, mas quem lhe disse que a formalidade é realidade? Ser de uma ordem religiosa, declarar-se religioso, isso é direito de todos. Mas entender e viver o Evangelho é a conquista dos abnegados.

— Se os professores entendessem isso...

— Os orgulhosos são confundidos, os humildes elevados. Assim ensina o Evangelho!

— A humildade é a porta para o verdadeiro conhecimento. Tantos doutores vivem confusos com suas complexas teorias... e muitos são meus professores.

— Aprenda com eles!

— Aprender?

— Sim. Aprenda como é triste aparentar-se o que, na verdade, não se é.

— É verdade!

Terminada a conversa, Ivan despede-se de Felipe, que lhe agradece pelas lições aprendidas. Após se abraçarem, Ivan parte com o grupo de jovens estudantes.

UM DIA NUBLADO

Ao terminar suas tarefas escolares, Felipe realiza sua programação de educação espiritual diária. Vai depois tomar banho e deita-se para dormir. Ao abrir aleatoriamente **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no capítulo XIII, item 4, Infortúnios Ocultos, tenta relacionar, sem conseguir, a leitura com as experiências de seu dia. “Certamente depois entenderei...” – pensa. E assim Felipe adormece, saindo do corpo.

Pai Joaquim, Abelardo, Alessandra e Cirilo estão à sua espera.

— Pensei que não ia lhe ver hoje! – brinca Abelardo.

— Você sumiu! Pensei que tinha desistido – fala Felipe.

— Deus me livre! Eu apenas desencarnei – responde.

— Você morreu?! – fala Felipe, assustado.

— Até onde eu saiba, eu apenas desencarnei. – responde, com bom humor.

Todos riem.

— Sei que você deve estar com mil perguntas. Assim que puder, eu lheuento tudo. Mas não se preocupe, pois está tudo bem. Afinal, Espiritismo serve para estas coisas, não é? – explica Abelardo.

— Abelardo é uma exceção. A maioria dos jovens espíritas têm uma missão bem mais longa do que a dele. A vocês, jovens espíritas, cabe o

estudo e a prática do Espiritismo no centro espírita e na sociedade. Felipe, você desenvolverá estudos sobre sociologia espírita; por isso esse curso é tão importante para você – explica Pai Joaquim, que não queria deixar espaço para medos tolos ou adiamento de compromisso.

— E eu? – pergunta Alessandra.

Pai Joaquim sorri e diz:

— Quem pergunta quer saber. Isso é bom, porque gera mais responsabilidade. Você, minha filha, terá uma tarefa muito bonita no movimento espírita: você ajudará os jovens a descobrirem suas missões no mundo. Você será a luz que os ajudará a lerem o mapa dos compromissos espirituais!

— Que legal! – fala Cirilo.

— E você, menino – diz pai Joaquim, fixando o olhar em Cirilo – precisará ter a coragem de criar uma nova imprensa espírita. Além de organizar reuniões mediúnicas que cuidem dos viciados em drogas, você divulgará suas experiências e as dos outros.

— E vão falar muito mal de vocês... – acrescenta Abelardo.

— Se, ao menos, a gente lembrasse disso quando acordados, já ajudaria muito... – fala Felipe.

— Basta que vocês se preparem. No próximo curso, com o menino Gabriel, ele vai lhes ensinar regressão e lembrança dos sonhos. Vocêz dois podem escolher fazer ou não, mas a menina Alessandra não pode perder, né? – diz Pai Joaquim, descontraído.

Nesse momento, chegam Ivan e Eurípedes. Todos se impressionam com a presença do mestre de Sacramento. Notando o espanto geral, ele comenta:

— Passei boa parte de minha encarnação entre os jovens – seja no colégio, seja nas atividades mediúnicas de desobsessão, receituário, cirurgias mediúnicas e outras, bem como na formulação de medicamentos naturais – por isso, não se espantem. Minha tarefa no mundo espiritual está ligada aos jovens, encarnados e desencarnados. Nesse momento de renovação social, inclusive do movimento espírita, conto com vocês, a juventude espírita. Precisamos de avanços com relação as importantes conquistas já realizadas. Caminhamos muito, mas há muito ainda a fazer e não podemos sobrecarregar os atuais tarefeiros espíritas. Novos estudos, novas práticas sociais e novas abordagens

comunicativas precisam ser desenvolvidos. É por isso que temos tantos cursos em nossa escola e é por isso que temos tido tantas reencarnações de Espíritos comprometidos com o progresso social e moral no seio do Consolador.

Enquanto Eurípedes fala, Felipe lembra-se de como a trajetória deste mestre está ligada à juventude. Quando adolescente, em sua reencarnação como Marcos, ele foi um fiel seguidor do Cristo. Na encarnação seguinte, ainda na juventude, foi educado por Inácio de Antioquia, discípulo direto de João Evangelista. Como Rufo, ainda no período do cristianismo primitivo, cuidava das crianças e jovens abandonados. Em Sacramento, dedicou-se à educação espírita de jovens e, agora, prepara a ação da Nova Geração no mundo.

— Sim, Felipe — diz Eurípedes. Minha trajetória espiritual foi uma preparação para este momento em que vivemos. Na obra de nosso Pai não há lugar para improvisos, preguiça ou má vontade. Dediquei-me à educação e à saúde com os jovens, porque é pela juventude que a Terra se renovará. A sabedoria dos adultos só é verdadeira quando não se fecha ao crescimento verdadeiro. Em um mundo como a Terra, apenas aqueles que mantiverem a sintonia com o mais alto desde o início da juventude poderão cumprir as missões de profunda mudança moral, social e cultural em todo o globo. Não fez assim o Cristo, ao chamar mediunicamente os jovens Francisco de Assis e Antônio de Pádua? A sabedoria e a experiência dos mais velhos são sempre importantes, mas o comodismo é um ato contra a Criação, que tem por Lei suprema a evolução guiada pelo amor.

Nesse instante, Eurípedes pede que todos façam uma prece silenciosa. Ele então os conduz a uma região no mundo espiritual em que vivem Espíritos de suicidas e de viciados, encarnados e desencarnados. Ao chegarem, param em uma espécie de rocha. Pai Joaquim passa a aplicar passes em todos, enquanto Eurípedes observa, comovido, os milhares de Espíritos que gemem em intenso sofrimento.

— Mantenham o coração calmo. Observem que, em meio daquela multidão, existe uma pequena e sutil luz — diz Eurípides, enquanto aponta para uma direção.

Todos olham para a direção apontada, mas nada conseguem ver. Eurípedes então pede que se acalmem e se concentrem. Após trinta

minutos de silêncio interior, o grupo passa a perceber uma fraca luz, em meio a um enorme grupo de Espíritos, que gritam pedindo ajuda, desesperados. O professor olha para pai Joaquim que, entendendo seu pensamento, dirige-se àquela frágil luz e retorna com um Espírito, quase desmaiado, em seus braços. Sem explicações, eles partem em direção ao mundo físico e, guiados por Eurípedes, chegam à porta de um grupo espírita, que funciona em uma casa. São reconhecidos pelos Espíritos responsáveis pela segurança, que os cumprimentam, com respeito. Entram, atravessam um jardim, e adentram a sala mediúnica. A reunião está começando. Adolfo faz a prece e se coloca à disposição para os trabalhos espirituais. Pai Joaquim entrega o jovem que carrega nos braços a um dos enfermeiros espirituais daquele grupo, aproxima-se do médium e saúda a todos:

— Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja nos seus corações! Irmão preto vai falar rápido, porque hoje peço socorro a um jovem que, apesar de tanta loucura, quis ver a luz.

— Que alegria saber de sua presença! Estamos dispostos a trabalhar com Jesus, sempre! — responde o dirigente.

Pai Joaquim sorri ao sentir as vibrações de amor emitidas pelo grupo e explica:

— Este moço foi muito rico, de família poderosa. O coitado achava que a vida é o que temos e o prazer que sentimos. Agora ele tá triste e acabrunhado. Não vou falar como era o lugar em que ele tava, para não assustar alma medrosa, mas um dia vou levar vocês para lá para me ajudar no socorro. No final dos trabalhos, um amigo do preto vai dar uma palavrinha aqui com vocês.

O jovem, semiadormecido, é trazido para perto de um dos médiuns do grupo e começa a falar, confuso:

— Onde estou? Alguém me socorreu?! Graças a Deus, agora estou me sentindo melhor! Pensei que estava louco... Será que foi um sonho?!... Ah! Que dor na cabeça! Minha cabeça tá doendo...

Sílvio, o responsável para dialogar com os Espíritos, levanta-se e diz:

— Acalme-se, meu irmão. Não se preocupe, nós lhe ajudaremos e, em pouco tempo, tudo se esclarecerá.

— Minha cabeça dói muito. O que aconteceu?!

Sílvio pede que Aldenora ajude na aplicação de energias curadoras, para reestabelecer o equilíbrio do jovem. Nesse instante, Eurípedes aproxima-se da médium doadora de fluidos e, utilizando-se das energias dela, induz o Espírito a uma regressão de memória. E, assim, pouco a pouco, o jovem socorrido começa a lembrar o que havia lhe acontecido. Primeiro assiste à cena do próprio enterro; depois, vê a situação de seu desencarne e, por fim, como foi atraído para a região em que estava. Ao ver todas as cenas, solta um grito e diz:

— Não aceito! Eu não morri!

— Meu amigo, você agora faz parte de uma outra realidade. É preciso aceitar. Basta de sofrimento por causa de sua rebeldia! – fala Sílvio, com firmeza.

— Eu não aceito, eu não aceito.

— Escute amigo: caso você continue com essa atitude, é possível que volte para onde estava. Estamos aqui para lhe ajudar, mas depende de você aceitar ou não.

O jovem chora convulsivamente ao ver que não poderá voltar à situação de encarnado. Sílvio, observando a reação do socorrido, argumenta:

— Eu entendo, meu amigo. Sei como é difícil nos desligarmos do mundo quando estamos na fase das ilusões, principalmente quando nós, voluntariamente, nos vinculamos aos vícios destruidores do corpo e da alma. A prova da riqueza é terrível. A ilusão do poder é esmagadora para a maioria de nós. Sei o quanto roupas e carros nos transformam em seres tolos e iludidos. Mas, apesar de tudo, continua a existir em nós a centelha divina, que é a essência que todos temos. Aceite o sofrimento da desilusão como elevada lição que Deus lhe envia. Não se revolte mais. Todos somos pobres aos olhos de Deus até o dia em que permitirmos que Seu amor brilhe plenamente em nosso ser.

— Eu... Não consigo mais viver como um verme a se arrastar... Ajude-me, por favor... O que tenho que fazer para ter um pouco de paz? Tudo dói muito...

— Aceite a ajuda que Deus lhe envia. Aceite o amparo e prepare-se para trabalhar no bem, porque nossa vitória espiritual só acontecerá quando estivermos tão ocupados na prática do bem que esqueceremos

o nosso egoísmo e o nosso orgulho. Descanse um pouco e trabalhe muito! – fala Sílvio, sorrindo.

— Obrigado! Eu aceito! Agora entendo que sofri por décadas por que me recusei a perder a vida que eu tinha...

Nesse instante, trabalhadores espirituais o levam. Então Eurípedes se aproxima e começa a falar:

— A paz do Cristo em nossos corações! O jovem que agora socorremos é um símbolo e um alerta a todos da Nova Geração. Muitos pediram e obtiveram a permissão para reencarnar em famílias portadoras de imensas reservas de riqueza material; outros, por meio do trabalho honrado, adquirirão considerável fortuna. Seja como for, sabemos que tudo é concessão de Deus. O compromisso de quem possui recursos materiais que ultrapassam as simples necessidades é grave. Em um mundo em que a fome ainda mata e em que a falta de leitos e medicamentos são fontes de extremo sofrimento, possuir muitos bens, apenas acumulando-os, sem ser útil, é prejuízo espiritual para o qual a própria consciência exigirá reparação. A sociedade deve caminhar em direção a modelos mais fraternos e humanos. Para isso, convocamos os espírita-cristãos ao exemplo social elevado. A prática da fraternidade no ambiente de trabalho, mesmo que isso signifique alguma perda material, é dever intransferível. Não deve o seguidor do Consolador disputar cargos, a custa de sua conduta ética, ferindo e caluniando. Não deve o espírita, em sua profissão, ser conivente ou acolher propostas que desonrem a própria consciência. Isso trará os prejuízos dos ganhos mentirosos. Será valioso amontoar um tanto a mais e perder a alma? Podemos servir a Deus e a Mamon? A revolução social espírita inicia-se na utilização correta dos recursos que já existem. Deus nunca abandonou sociedade alguma ao longo da história. Quando utilizarmos, na medida exata de nossa necessidade, os recursos que possuímos, haverá casas, escolas, hospitais e segurança para todos. Comecemos nossa revolução hoje, sendo éticos e fraternos em todas as funções sociais que exercermos. Abandonemos tudo aquilo que seja motivo de escândalo aos olhos de Deus e de seus protetores espirituais. A sociedade terrena atravessa período de renovação. Triste será aquele que ainda acumular mais do que necessita. Triste será aquele que pensa que sua felicidade deve ser construída com base

no sacrifício de seus irmãos. Estes estarão em situação muito pior do que nosso irmão socorrido, porque serão considerados traidores da fraternidade universal.

Muitos estavam chocados com uma mensagem tão forte. Pensavam que os bons Espíritos apenas falavam de forma amorosa, nunca crítica. Devem, portanto, preparar-se, pois o movimento espírita entra em uma nova fase, em que a ação social e espiritual estarão interligadas, sob a coordenação do mestre de Sacramento, Eurípedes Barsanulfo.

Após encerrar a comunicação, Eurípedes envolve todos os trabalhadores, dos dois planos, em suas vibrações de paz. Os encarnados sentem profunda paz, enquanto os desencarnados emocionam-se intensamente e agradecem a Deus pela presença do amigo e professor. Eurípedes volta-se para Alessandra, Cirilo, Abelardo e Felipe e orienta:

— Visitem os departamentos deste centro. Conheçam como se entrelaçam as atividades nos dois planos; em breve nós encaminharemos vocês para integrar este centro de atividade. Queremos transformá-lo em referência para os futuros centros espíritas.

— Nos encontraremos encarnados? — pergunta Felipe, exultante.

— Sim — responde Eurípedes. É o momento de meus alunos se aproximarem e provarem que são capazes de viver em clima de amor e respeito, como ensinei.

Alessandra, com os olhos cheios de emoção, afirma:

— Professor, é aqui que poderei iniciar minha atividade psicográfica?

— Sim. Como afirmei, no centro espírita do futuro, inspirados no modelo do Cristo, jovens e adultos trabalharão juntos, em igualdade, com respeito e cooperação, em todas as atividades. A verdadeira linguagem jovem não é constituída de gírias e palavras fúteis. A linguagem jovem é a da alegria cristã, que todos devem cultivar.

— Os trabalhadores encarnados aceitarão? — indaga Cirilo.

— Devem aceitar. Foram preparados para essa vivência revolucionária do ponto de vista do movimento. Mas, como há sempre o livre-arbítrio, caso recusem a colaborar com o Cristo, encaminharemos vocês a outros, que amem o dever e afastem-se das intrigas e das formalidades farisaicas. Contudo, creio que nossos irmãos honrarão o legado

da educação que receberam de mãos abnegadas de médiuns exemplares, que aqui laboraram.

Nesse instante, pai Joaquim aproxima-se e avisa que tudo está pronto para a apresentação das atividades do núcleo espírita. Eurípedes se despede e Felipe, Alessandra, Abelardo e Cirilo acompanham pai Joaquim.

Felipe acorda em um dia chuvoso, lembrando a maior parte de seu desdobramento espiritual. “Que seja verdade!” – pensa. O dia está nublado, ao passo que a mente de Felipe está iluminada. Ele começa a descobrir a grandiosidade que é esquecer as ilusões do mundo e aprender a servir ao jovem Jesus de Nazaré. E você? O que tem descoberto de interessante?

SOBRE A SÉRIE

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciará o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequentemente,

Sobre a Série

mente, cada aula ou exposição da série Se a Mediunidade Falasse possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos – pois nomes conhecidos podem causar incômodo – decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série Se a Mediunidade Falasse será recebida por diversos médiuns.

Como foi recebido o livro

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica”

ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

O Grupo Marcos é um grupo de amigos – encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes – que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome “Marcos” foi escolhido em homenagem a uma encarnação de nosso dirigente espiritual, Eurípedes Barsanulfo, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênia, que se tornou um verdadeiro cristão. E essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, publicado pela Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

Nossos Princípios

- 1) Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição de todos, de forma gratuita, em nosso site www.grupomarcos.com.br, sendo previamente autorizado a todos imprimir, copiar e divulgar;
- 2) As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome do Grupo Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;
- 3) Para colaborar conosco, ou caso você queria nossa ajuda, basta nos contatar;

Conheça o Grupo Marcos

- 4) Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec. Dentre suas obras, a Codificação e a Revista Espírita são as que norteiam o nosso trabalho;
- 5) Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;
- 6) Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

Breve Nota

Os trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

COORDENADOR DO GRUPO MARCOS

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

OUTRAS OBRAS

Série Se a Mediunidade Falasse:

1. Iniciação
2. Vampirização
3. Despertar
4. Medo e Mediunidade
5. Cristianismo e Mediunidade
6. Antes do Consolador
7. Consolador
8. Renovação Social e Imortalidade
9. Pequena Mestra
10. Aventuras de um Morto
11. Conversas com José

Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo

CONTATO

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

Visite nosso site

WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR

Inscreva-se em nossa lista de e-mails para ficar atualizado. Clique Aqui.

Entre em contato

GRUPOMARCOSCONTATO@GMAIL.COM

